

**MÚSICAS SINALIZADAS NA INTERNET: ISSO É LIBRAS?
ASPECTOS, MORFOLÓGICOS, SINTÁTICOS E MORFOSSINTÁTICOS DA
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

*Somos notavelmente ignorantes a respeito da surdez.
(Oliver Sacks, 1989, p. 15)*

Por *ELIZETE RODRIGUES* e
VANDERLEI DE SOUZA

RESUMO

O presente estudo convida o leitor a refletir sobre aspectos, morfológicos, sintáticos e morfossintáticos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) que contribuem para reforçar seu status de língua em contraposição ao chamado português sinalizado e outros equívocos que se distanciam da língua dos surdos. Nesse sentido procuramos demonstrar a partir de conceitos da Linguística e dos Estudos Surdos, como ocorrem esses distanciamentos em termos, morfológicos, sintáticos e morfossintáticos em um corpus constituído por vídeos disponíveis na Internet em que canções são supostamente traduzidas para a língua dos surdos. Utilizamos ainda de entrevistas com especialistas e profissionais da área na elucidação dos conceitos-chave envolvidos na pesquisa. Baseamos nossa análise nos preceitos da Morfossintaxe (Carone, 1988 e Kehdi, 1990) e Estudos Surdos (Campelo, 2011, Dorigon, 2006, Quadros, 2007 e Sacks, 1998) para dar visibilidade à divergências da estrutura da Libras nas traduções apresentadas.

Palavras-Chave: Libras, Português Sinalizado, Morfossintaxe, Morfologia, Sintaxe.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Objetivo

Como objetivo geral, propomos neste artigo estender a pesquisa acerca da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Delimitaremos ao estudo analítico de situações em que músicas são traduzidas para Libras, para então elucidar aspectos morfológicos, sintáticos e morfossintáticos que redundam em português sinalizado ou outras formas de sinalização não condizentes com a língua em questão.

1.2. Justificativa:

Almejamos, com este artigo, contribuir com os estudos das estruturas morfológicas, sintáticas e morfossintáticas que subjazem a Libras por considerarmos relevante colocar em pauta a organização linguística que defere à língua brasileira de sinais a condição de língua. Pretendemos cooperar, dentro das limitações, como fonte de pesquisa para graduandos, pós-graduandos, ou pessoas interessadas na língua dos surdos. Quadros (1997), em sua introdução ao Bilinguismo, em que considera Libras como primeira língua dos surdos e português como segunda, afirma que existe uma urgência em conhecer as duas Línguas envolvidas para compreender o processo educacional e o lugar que cada uma delas ocupa. Portanto, pretendemos dar vazão aos mecanismos estruturais que envolvem Libras, português e português sinalizado, suscitando inquietações em áreas como tradução, interpretação, direitos linguísticos e em conceitos como bimodalismo, pidgin e interlíngua.

1.3. Metodologia:

Para atingir a meta deste trabalho, revisamos uma bibliografia que contemplou conceitos de surdez, educação de surdos e estrutura da língua de sinais e da língua portuguesa. Iniciamos com a leitura dos estudos de Campelo (2011), Carone (1988), Kehdi (1990), Dorigon (2006), Quadros (2007) e Sacks (1998) como ponto de partida na busca de respostas para a questão:

Que aspectos morfológicos, sintáticos e morfossintáticos da Libras contribuem para elucidar seu distanciamento do chamado português sinalizado e de outras formas de sinalização?

O corpus desse estudo é composto por quatro vídeos em que Libras ou português sinalizado são utilizados na tradução de canções, coletados junto ao site de compartilhamento Youtube. No processo de análise selecionamos aspectos morfológicos, sintáticos e morfossintáticos relevantes que evidenciavam distanciamentos entre as formas de sinalização ali empregadas e a Libras, à luz de teorias linguísticas defendidas na bibliografia resenhada. Entre os aspectos que buscamos analisar estão as flexões verbais, o posicionamento sintático de algumas classes gramaticais além da supressão/presença de certas classes de palavras, como as preposições, conjunções e artigos.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Fundamentação Teórica

Nessa seção abordamos os principais conceitos teóricos envolvidos em nossa análise do corpus. Grandes áreas de estudo são consideradas como base: Estudos Surdos, Morfologia, Sintaxe e Morfossintaxe.

2.1.1. Conceitos da área de Estudos Surdos

A trajetória dos surdos é registrada como sendo árdua. Para esclarecer o que significou e significa ser surdo, Strobel (2008, p.13), recorre à obra "Vigiar e Punir" em que o autor, Foucault, ressalta a dificuldade "que a sociedade humana e as autoridades públicas" têm em lidar com a diferença cultural, o que o estudioso considera grave, afinal o sujeito tido como diferente é encarado de maneira pejorativa, é estereotipado, reconhecido como inferior, de forma que são destacadas suas limitações e minimizadas suas potencialidades.

Strobel (2008, p. 22), explica que neste sentido, os estudos culturais são um forte aliado usado pelos variados grupos que encontram nestes, apoio na busca pelo reconhecimento político, social e igualitário. Existe uma experiência narrada pela pesquisadora que esclarece a importância dos estudos culturais, sobretudo para ela como surda:

Os discursos sobre a cultura e identidade surda recebem ênfase nos debates na teoria dos Estudos Culturais e associando-os a sua importância para com a história de surdos. À medida que fui avançando nas leituras das teorias no campo dos Estudos Culturais, me deparei com as novas formas de pensar, e isso me permitiu modificar e ampliar minhas reflexões. (idem, p.20)

De acordo com Sá (2006), a ramificação dos estudos culturais organizado pelos movimentos surdos são os chamados estudos surdos, em que são estabelecidos prospectos a partir da pesquisa em educação, de forma que "as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades, as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político"(idem).

Desta forma, os estudos surdos pretendem desmistificar a equivocada ótica acerca da surdez como deficiência. E, conforme Sá (2006), planeja-se uma redefinição do surdo em sua diferença cultural e linguística.

O que se presenciou ao longo da trajetória foi desde um período considerado de trevas, de maneira que o surdo era tido como doente, coitado ou incapaz, conforme Sacks (1988, p. 27) a situação do surdo antes de 1750 “era de fato uma calamidade”, até a redefinição de conceitos que se iniciou em torno da segunda metade do século XX, em que o papel dos estudos surdos foi se fortalecendo, como por exemplo com os estudos linguísticos das línguas de sinais, que segundo Quadros (2000, p.29), contribuíram, inclusive, para o entendimento das línguas em geral, justamente pela novidade da estrutura de uma língua visual-gestual.

Diante dessa perspectiva advinda dos estudos surdos, nasceu um novo olhar para a cultura surda, bem como questionamentos sobre o oralismo, comunicação total e outras metodologias para a inserção do surdo na sociedade (Brito,1995). Com base em Quadros (1997, p. 32), a proposta que surge influenciada por fatores ideológicos, biológicos e filosóficos é defendida pela autora para a aquisição da linguagem no surdo é o bilinguismo. Esta concepção privilegia a Libras como primeira língua e língua portuguesa como segunda. Decorrente de transformações como esta, além do reconhecimento da Libras perante o legislativo¹, tem havido um fenômeno inverso ao de inserir o surdo na cultura ouvinte, como afirma Campelo (2011, p. 19), “cresceu o número significativo de pessoas ouvintes interessadas em pesquisar a língua de sinais brasileira.”

O presente artigo explora justamente parte desse crescente interesse e faz uma reflexão sobre o uso da Libras por ouvintes, ainda que incida no chamado português sinalizado ou outras formas de sinalização.

2.1.2. Conceitos de Línguas de Sinais

Assim como as línguas orais, que surgiram de maneira espontânea para suprir a necessidade de interação humana, com as línguas de sinais o mesmo ocorreu, e por isso são chamadas de línguas naturais. Segundo Brito (1995), as línguas de sinais também apresentam o status de língua natural por possuírem uma estrutura que “permitem a expressão de qualquer conceito-descritivo, emotivo, racional, literal metafórico, concreto, abstrato- enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.”

Partindo de concepções linguísticas, e atribuindo às línguas de sinais o status de língua natural, Quadros e Karnopp (2000, p. 25 a 28) explicitam que todas as línguas, inclusive as de sinais possuem as seguintes propriedades: flexibilidade e versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade e produtividade, dupla articulação, padrão e dependência estrutural.

As línguas de sinais, de acordo com Brito (1995), por dependerem de estruturas como as acima citadas, por serem naturais e atingirem o objetivo da comunicação entre seus falantes de maneira "eficiente, lógica e até certo ponto automática" são consideradas complexas.

Enquanto que em línguas orais o canal utilizado é oral- auditivo, nas línguas de sinais o meio empregado é o visual-espacial, portanto, conforme Brito (1995), a língua dos surdos "articula-se espacialmente e é percebida visualmente", segundo a pesquisadora é a partir dessa relação que surgem possibilidades de iconicidade, ainda que de acordo com Quadros e Karnopp (2000, p.32) este não seja um aspecto relevante na língua de sinais. Sobre a arbitrariedade, em conformidade com as autoras, com a alteração dos "paradigmas da ciência", pode-se afirmar que a língua de sinais advém de simbologias arbitrarias, assim como as palavras das línguas orais, e que manifestam conceitos de elevado grau de abstração. Para Brito (2005), inclusive estes elementos complementam a composição da língua de sinais, nos aspectos fonológicos (das unidades que constituem uma língua), morfológicos (da formação de palavras), sintáticos (da estrutura), semânticos (do significado) e pragmáticos (contexto conversacional).

2.1.3. Conceitos de português sinalizado

Neste tópico discutiremos o português sinalizado sob a luz de conceitos como o de língua, bimodalismo, pidgin, tradução, interpretação e interlíngua. Pretendemos explorar as definições de português sinalizado desde a fase da comunicação total, em que o enfoque era o uso do português sinalizado para ensino do surdo, até a fase do bilinguismo, em que conceitos de estrangeirismo e interlíngua poderão contemplar o processo pelo qual um ouvinte possa fazer uso de português sinalizado para aprender a língua de sinais.

Quadros (1997, p.21) separa a educação dos surdos no Brasil em três fases: Educação oralista, comunicação total e bilinguismo. Enquanto que na fase do oralismo a língua de sinais era desprezada, o ensino da língua oral era tido como

forma de "recuperação" do surdo e sobressaía-se a imposição da língua majoritária do Brasil, de acordo também com Correia Lima (2004, p. 31), na fase comunicação total com o objetivo de viabilizar a comunicação com os surdos, são admitidos variados recursos linguísticos, como uso de língua de sinais, língua oral ou códigos manuais.

Conforme Quadros (idem), nesta fase a língua de sinais foi reconhecida como um meio de aproximação entre educadores ouvintes e surdos e como um veículo para o ensino da língua portuguesa. De acordo com a autora: "Os sinais passam a ser utilizados pelos profissionais em contato com o surdo dentro da estrutura da língua portuguesa, esse sistema artificial passa a ser chamado de português sinalizado" (p.24). Ela afirma que na fase da comunicação total, diferente do oralismo, de fato a língua oral não é privilegiada para o ensino de surdos, e sim o bimodalismo que consiste no uso simultâneo de sinais e da fala.

Assim, Correia Lima (1997), partindo da definição em que bimodalismo é um termo usado para algumas formas de comunicação instantânea, neste contexto do português sinalizado, estabelece:

Bimodalismo pressupõe, basicamente, o uso dos sinais, porém na ordem da língua oral. Neste sentido, reduzem-se as flexões e partículas da língua oral e incluem-se alguns aspectos e inserem-se alguns aspectos da gramática da língua de sinais. Trata-se, portanto, de um híbrido entre ambas as línguas (p. 34).

De acordo com Sacks (1998, p. 42), nos Estados Unidos ocorreu também o fenômeno de um bimodalismo, que foi chamado de inglês sinalizado, quando vingou uma tentativa de contemplar as duas modalidades de línguas, uma espécie de "combinação" entre sinais e fala. Algo que ele nomeou como "meio-termo", e portanto, ineficiente.

Sabe-se que a fase que substituiu a comunicação total foi o bilinguismo, quanto a isso diversos pesquisadores, como Sacks, Brito, Quadros, Correia Lima entre outros concluíram que embora ainda permaneçam vestígios das duas primeiras fases na educação de surdos na atualidade, destaca-se a proposta bilíngue. E embora, haja na literatura quantidade razoável de material que comprova que a educação bilíngue respeita e privilegia o surdo e a cultura surda, ainda nos confrontamos, por exemplo, com a permanência do chamado português sinalizado tanto no ambiente

escolar como fora dele, como por exemplo, em sites de compartilhamento de vídeos, em cursos amadores de divulgação da Libras.

Que outras especulações que existem sobre o português sinalizado? Para Felipe (1989, p. 102) apud Correia Lima (idem), "na comunicação bimodal há a utilização das duas modalidades de língua: a oral-auditiva e a gestual-visual, é uma espécie de pidgin...que desestrutura a língua natural dos surdos (...)". Sobre a ótica de realmente o português sinalizado ser pidgin, Correia Lima (1997, p. 35) recorre ao conceito de pidgin para explicar:

O termo pidgin se refere ao uso de vocábulos de duas línguas com uma estrutura sintática muito simples. É o que ocorre quando interagem duas culturas com duas línguas distintas. Nestes casos, enquanto os adultos desenvolvem um sistema de comunicação denominado pidgin, as crianças desenvolvem uma verdadeira língua a partir dos pidgins de seus pais. Portanto, o pidgin é um sistema linguístico resultante da simplificação de uma dada língua, que serve unicamente às necessidades de uma comunicação limitada, sem ser a língua materna do indivíduo.

Mediante essa explicação, a autora conclui que o português sinalizado não se encaixa como pidgin visto que as relações entre o português e a língua de sinais são ambas desprivilegiadas em suas estruturas gramaticais, enquanto que na pidginização esse desprivilegio aconteceria em apenas uma das línguas. A autora salienta que "de fato, existe uma simplificação no que diz respeito à morfossintaxe tanto na língua portuguesa quanto na língua de sinais, o que, ao meu ver, descaracteriza ambas as línguas."(p.35)

Alguns autores como Fernandes (1990) apud Correia Lima (idem, p. 36) explicam que no português sinalizado usam-se os gestos que correspondem ao léxico, contudo com a estrutura sintática da língua que está sendo ensinada, no caso a portuguesa. Para Brito (1989) apud Correia Lima (idem), existe um desequilíbrio na estrutura de ambas as línguas, mas sobretudo na língua de sinais, de maneira que a pessoa mais prejudicada é o surdo em si, afinal é exposto a uma "forma imperfeita". A autora explica que um dos motivos principais dessa imperfeição é pela impossibilidade de se pensar em duas línguas ao mesmo tempo.

Partindo desse pressuposto, em que duas línguas não cabem dentro de uma mesma cabeça ao mesmo tempo, temos os mecanismos de tradução e interpretação, que possuem conceitos distintos. Segundo Souza (2011, p.12) tradução seria uma "nova produção textual", em que o tradutor teria um tempo para edição do produto final, já na interpretação (idem, p.20), o autor adota para esclarecimento uma equivalência no português para o vocábulo *interpreting* do inglês, que pode ser traduzido como "ato de interpretar", e distingue interpretação como o ato da criação de um produção "final em tempo real" (p.21).

Com base em Segala (2010, p.7), o tradutor não é somente aquele que sabe as duas línguas envolvidas e as transpõe de uma língua a outra, ou que apenas reconstrói significados, o autor ressalta que se faz necessário um envolvimento com a cultura e a linguística das línguas envolvidas. Recorrendo a Jakobson (1987) afirma: "O significado de qualquer palavra ou frase é sempre um fato semiótico". Além da relevância nesta afirmação, o autor compara a concreta dificuldade que já existe na transposição entre as línguas de iguais modalidades (orais e orais), à dificuldade que apenas aumenta com línguas de modalidades linguísticas tão distintas (orais e gestuais). Segundo ele, neste tipo de atividade "interlinguística" enfrenta-se o problema da "impossibilidade de equivalência", para embasar sua asserção o autor recorre ao site *Logos Multilíngua*, onde encontra a seguinte afirmação:

Raras vezes encontramos em dois idiomas duas palavras que cubram o mesmo campo semântico, o mais comum não é tratar de traduzir unidades de códigos separadas, mas mensagens completas. (idem, p.8)

A partir da lei 10.436, em que a Libras é autenticada oficialmente como a língua dos surdos brasileiros, houve para os tradutores e intérpretes significativas menções, como difusores, usuários e viabilizadores da Libras, bem como da cultura surda. Tal responsabilidade, de acordo com Segala (idem, p. 22), ainda deixa muito a desejar, justamente pelo uso indiscriminado do português sinalizado, a que ele chama de "tradução literal". Ele assim o define:

O português sinalizado prevê a tradução de cada palavra em um sinal, seguindo as ordens frasais da Língua Portuguesa e não da Libras, fato que deixa os surdos muito insatisfeitos, pois dificulta em muito a compreensão textual. Essa modalidade ainda é observada nas traduções mais atuais, talvez em função da intermodalidade.

Souza (2011, p. 239) recorreu a uma pesquisa realizada por Quadros (2004), em que profissionais intérpretes foram submetidos à observação em um contexto educacional de nível superior. Os resultados obtidos, de acordo com a pesquisadora, envolviam tantos problemas em nível semântico e escolhas lexicais que se inviabilizou inclusive chegar aos problemas de ordem estrutural. Diante disso poderíamos levantar questões acerca da situação do ouvinte iniciante na língua de sinais, uma vez que até os chamados intérpretes profissionais encontram verdadeiros desafios com a língua dos surdos. Para o iniciante trata-se da relação com uma língua estrangeira, assim sendo cabe discutir brevemente ao conceito de interlíngua ao que se refere às teorias de aquisição de língua.

De acordo com Quadros (1997, p. 83), existem essencialmente três formas de aquisição da L2 (segunda língua): "a) a aquisição simultânea da L1 e da L2, b) a aquisição espontânea da L2 e c) a aprendizagem da L2 de forma sistemática. Quanto às duas primeiras modalidades de aquisição de L2 a autora projeta meios naturais de aquisição, entretanto na terceira o indivíduo estará sujeito a um ambiente artificial para aprender, e os mecanismos para a aquisição dependerão de metodologias de ensino. Alvarez (2002), sob a perspectiva da interlíngua diz que as pessoas não encontram dificuldades em aprender uma língua estrangeira por causa das propriedades de uma nova língua, "mas, antes de tudo, surgem de um arranjo especial criado pelos hábitos da língua materna." Seria por esse motivo que muitos ouvintes incorrem no português sinalizado quando estão tentando aprender a Libras? Seriam eles vitimados por um contexto natural de aprendizagem de uma língua estrangeira? Neste caso o português sinalizado pode ser encarado como um erro? A autora afirma que entre as décadas de 70 e 60 a visão acerca do aprendiz mudou quanto a ser um "produtor de linguagem imperfeita", de maneira que:

O aprendiz é considerado um ser criativo que processa aprendizagem através de estágios de aquisição lógicos e sistemáticos. Assim, os erros produzidos ganham um novo status, uma vez que passam a ser analisados como um processo gradual de tentativa que permite ao aluno testar hipóteses, estabelecer aproximações do sistema usado por nativos e criar um sistema linguístico legítimo. Alvarez (2008)

Quadros (1997, p. 93), ao falar de aprendizes surdos em um contexto de bilinguismo, de forma que a L2 seria a língua portuguesa, recorre a Ellis (1993), que afirma que a aquisição da segunda língua é reflexionada pelos tipos de erros

cometidos pelos próprios alunos (hipóteses), “e pela sequência na qual as propriedades gramaticais são internalizadas.” E ressalta ainda a importância de levar em consideração a forma individual de aprender de cada um.

Diante dessas especulações poderíamos lançar um olhar sobre o português sinalizado com menos preconceito, respeitando as variadas facetas em que ele se apresenta. No que tange à educação de surdos, foi considerado negativo por ter sido instrumento que desprivilegiava a língua de sinais e a cultura surda. Em interpretação e tradução sabe-se que é incorreto seu uso, por não estabelecer o verdadeiro ato de intermediar corretamente ao surdo a mensagem de uma língua fonte. Contudo, para um estudante ouvinte, este pode ser o primeiro passo para um contato com a cultura surda, os primeiros passos de um profissional, que poderá aperfeiçoar-se, tornando-se futuramente mais um difusor da língua e da cultura surda.

2. 1.4. Conceitos da área de morfossintaxe, morfologia e sintaxe

2.1.4.1. Morfossintaxe

Existe uma definição bem simples no site brasilecola.com², que explica sinteticamente que morfossintaxe seria uma análise morfológica e sintática simultânea, de maneira que a morfologia está ligada às dez classes gramaticais, e a sintaxe ligada à função das palavras em um contexto oracional, portanto a morfossintaxe seria a análise da classe e da função ao mesmo tempo. Por exemplo, na seguinte frase, “A Libras é uma língua.”, as palavras seriam analisadas de duas maneiras:

De acordo com a classe gramatical: A (artigo definido) Libras (substantivo) é (verbo) uma (artigo indefinido) língua (substantivo).

De acordo com a função teremos: A Libras (sujeito simples) é (verbo de ligação) uma língua (predicativo do sujeito).

Carone (1988, p. 8, 9 e 10) faz uso de trechos literários de Mário de Andrade e Pedro Nava para trazer à reflexão, algo além da análise das palavras no contexto de uma frase ou oração, e sim da palavra em toda a sua extensão, bem como a sua capacidade de representar significados, ou não, tudo dependendo do contexto empregado e da organização das unidades menores. E, para delimitar o tema estudado em sua obra intitulada Morfossintaxe, a autora estabelece os limites

percorridos de sua análise: “em um extremo, o morfema (menor unidade significativa), no outro o período (simples ou composto). Para elucidar os aspectos da morfossintaxe ela explora as várias possibilidades da palavra *batata*, que, ao ser fragmentada em sílabas, não possui o sentido imagético que possuiria se estivesse completa, como *ba-tata*, ou *ba-ta-ta*, ou *bata-ta*. No entanto a palavra *batatinha*, *batatal*, *batateiro* advém de um termo *batat-*, de acordo com a autora é desse segmento *batat-* que a princípio estaria incompleto é completo por si só, pois leva consigo uma imagem, e que será articulada com outros segmentos como *-a*, *-inha*, *-al*, *-eiro*, segmentos inclusive que podem ser usados para outras palavras como *mes-a*, *laranj-al* e etc. Carone (1988, p.) esclarece que “estamos em face de segmentos significativos, que são partes de uma palavra, mas não são sílabas. Embora ela ressalte que “ocorram também segmentos significativos com estrutura silábica, como por exemplo, *-dor*, em *vendedor*.” A autora (p.100 e 101) cita uma frase de Hjelmslev que diz que “toda sintaxe é morfologia e toda morfologia é sintaxe”, e parafraseia usando de suas conclusões : “ a sintaxe é a morfologia da frase, e a morfologia é a sintaxe da palavra.”

2.1.4.2. Morfologia

Sobre morfologia Quadros e Karnopp (2000, p.19) nos convidam a responder a seguinte pergunta: “O que nós sabemos quando conhecemos uma palavra?” As autoras refletem sobre essa questão afirmando que para identificar e compreender uma determinada palavra é preciso recorrer a variadas informações que variam desde os aspectos fonéticos e fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, ou seja, a estrutura interna da palavra. Essa é a função da morfologia. Carone (idem, p. 21) se refere às possibilidades de combinação dentro da estrutura da palavra como um jogo morfológico e a compara às peças de um jogo infantil, possivelmente um *Lego*, que ao encaixar ou desencaixar, cria-se um universo de possibilidades. A essas peças, ou em termos gramaticais, dá-se o nome de unidades mínimas.

Quadros e Karnopp (idem, p.85 e 86), admitem que se encontraram diante de uma questão ao elevar o estudo da língua de sinais em nível morfológico, afinal o material disponível para o estudo de morfologia é baseado em línguas orais, e de acordo com as autoras, o estudo morfológico das línguas de sinais é escasso inclusive na literatura americana. As autoras optaram por seguir a pesquisa sobre morfologia da língua de sinais partindo dos termos estabelecidos nos estudos morfológico das línguas orais, além de recorrer aos estudos realizados com a língua de sinais americana, mas esclarecem que “a preocupação (...) é com a descrição e explicação de fatos linguísticos acerca da morfologia da língua de sinais brasileira.

O cunho é mais linguístico do que pedagógico.” Sobre a nomenclatura, as autoras elucidam que:

A preocupação está centrada na definição da nomenclatura utilizada e na busca de universais linguísticos compartilhados entre as línguas de sinais e as línguas orais, sem querer impor uma camisa de força a todos os dados e equivalências obtidas através da investigação da língua de sinais brasileira. (idem, p. 86)

Dessa forma voltamos à peça de lego, o morfema. Conforme, Campello (2011, p. 77) os morfemas se apresentam na língua de sinais como unidades mínimas, possuindo basicamente duas estruturas: Morfemas lexicais, que são palavras “convencionadas pela comunidade surda”, um exemplo que a autora usa é a palavra pato, e os morfemas gramaticais, que são unidades usadas para dar acréscimo aos morfemas lexicais, a pesquisadora usa a palavra patos para exemplificar. Ainda sobre morfemas, Campello (idem, p.80) afirma que existem outros morfemas que são agregados ou suprimidos em conformidade “com a marca de substantivos para verbos e vice-versa, marcas de grau aumentativo e de diminutivo, marcas de aspecto continuativo, repetitivo e etc, marcas de negação e classificadores. Sob a luz do estudo de Poizner, Newkirk, Bellugi e Klima (1981), Quadros e Karnopp (idem, p. 96, 97) trouxeram para língua de sinais brasileira estudos morfológicos acerca de derivação de sinais, flexão e tipos de verbos.

Em derivação de sinais as autoras obtiveram um tipo de afixação, que se dá pelo processo de gramaticalização de léxicos, que com o passar do tempo vai se fundindo dentro da língua. Nesse processo de formação, as pesquisadoras encontraram:

Derivação, que de acordo com Quadros (2004) apud Campello (2001, p. 83), “se trata da criação de um sinal a partir de outro. Resulta na mudança do significado lexical ou na categoria lexical.” Campello usa como exemplo o substantivo aula, que muda para de categoria (verbo) em estudar. Quadros e Karnopp (idem, p. 97) citam como exemplo telefone e telefonar, sentar e cadeira, roubar e ladrão. Conforme as autoras, a partir da derivação é possível criar novos sinais na Libras.

No caso da composição as autoras afirmam que este fenômeno de possibilidades se repete, e buscam na riqueza do processo de composição no português, em que duas bases se juntam para formar uma única palavra, como por exemplo, couve-

flor, arranha-céu, guarda-chuva, para elucidar como o processo de composição se dá na língua dos surdos. Em suma elas definem: "composição é um processo de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais". Campelo (idem, p. 83), explica que "a composição se realiza através de uma regra básica: contato. O contato do primeiro sinal, do segundo sinal, e da possibilidade do terceiro sinal, que é mantido. A autora ilustra a questão usando a palavra casa+estudar que resulta em escola.

De acordo com Campelo (idem, p.85) existe ainda a incorporação de números, como por exemplo, uma vez, duas vezes, ou, um dia, dois dias, três dias e etc. Incorporação de negação, que como afirma Campelo (idem, p. 86), se dá em alguns verbos com um movimento de negação da cabeça simultâneo ao sinal.

Ainda em derivação de sinais, existem alguns empréstimos do português, de maneira que o sinal é produzido através da soletração. Há ainda, a flexão, que de acordo com Campelo (idem, p. 90), "tem como função principal marcar privilégios de ocorrência distintos, através das categorias gramaticais peculiares a determinadas classes de palavras. A autora elenca que as flexões podem ser em pessoa quando indica o singular (eu e ele/ela), dual, plural e múltiplo (eles/elas e nós), em grau, quando o sinal combinado à expressões faciais e corporais resultam em efeitos de pequeno, grande, menor, maior, muito alto, muito perto, pertinho e etc. A categoria aspecto está subdividida em: Aspecto distributivo, que relaciona-se com a "flexão de número nos verbos com concordância e também nos verbos espaciais" (idem, p. 95), aspecto temporal, que conforme Campelo (idem, p.96), "refere-se à distribuição temporal e não evolve a flexão de número." E aspecto de marca de tempo, que de acordo com a autora é diferente do português, cujas formas verbais se apresentam no passado, presente ou futuro. Na língua brasileira de sinais, o verbo para ser indicado com marcações de tempo ele vem acrescido de expressões indicativas de tempo, a autora (idem, p. 98) cita os seguintes exemplos: ontem, semana passada, anteontem, ano passado, como o uso de sinais para indicar passado. Amanhã, semana que vem, ano que vem, para marcar o futuro e sinais de hoje e agora para indicar o presente.

A última abordagem morfológica, de acordo com o estudo de Campelo (idem, p. 100, 101, 102 e 103) se dá acerca dos tipos de verbos. Estão subdivididos em:

- Verbos simples, que são aqueles que não se flexionam em número ou pessoa, e ainda, não incorporam afixos locativos, embora possam apresentar flexões de aspecto.

- Verbos com concordância que são verbos que não incorporam afixos locativos, entretanto flexionam em número pessoa e aspecto.
- Verbos espaciais, que são verbos que possuem afixos locativos.
- Verbos classificadores, ou verbos manuais, ou descrição imagética, que de acordo com Campelo (idem, p. 103) "os verbos, objetos e pessoas são incorporados durante a ação. Os classificadores são representados pela configuração de mãos."

Tanto Quadros e Karnopp (2000), quanto Campelo (2011) finalizam o estudo da morfologia na língua de sinais brasileira ressaltando que há ainda um vasto campo a ser explorado em toda a estrutura da língua de sinais brasileira, incluindo-se nesse bojo a morfologia, e que existe a necessidade de se estender a pesquisa.

2.1.4.3. Sintaxe

Campelo (2011, p. 111) explica que sintaxe é uma parte da gramática que estuda a estrutura da sentença. Ela afirma que "analisar alguns aspectos da língua de sinais brasileira requer "enxergar" ou "ler" esse sistema que é viso-espacial e não oral-auditivo."

Quadros e Karnopp (2000, p. 127), ao analisar a literatura linguística da língua de sinais americana, encontraram mecanismos espaciais usados para que as informações gramaticais se apresentassem simultaneamente com o sinal. Elas destacam que se apresentam de diferentes formas as possibilidades de "estabelecimento de relações gramaticais no espaço", além de ser neste a realização do "estabelecimento nominal e uso do sistema pronominal", que são indispensáveis para as relações sintáticas.

Sobre a formação de frase sintática com referência pronominal, concordância verbal e relações gramaticais na Libras, de acordo com Campelo (idem, p. 112), existe um tipo de "apontação" que será usado tanto para indicar referentes presentes, como não presentes, além dos referentes anafóricos no contexto do discurso. A autora recorre a gravuras para explicar exemplo de apontação para apontar o referente presente, onde o dedo indicador irá se posicionar "dizendo" eu, tu, ele/ela. Outro ponto relevante da questão de apontação é a direção do olhar, Campelo (idem, p. 114), esclarece que enquanto o dedo indicador aponta para o receptor, no caso de um "você", o olhar acompanha esse movimento. O mesmo não ocorre nos pronomes ele/ela, eles/elas, o olhar do sinalizante continua fixados no olhar do

receptor, enquanto que o dedo indicador segue para o lado ao que se pretende sinalizar.

Sobre referente não presente ou ausente, a autora afirma que " a apontação é direcionada a um local espacial já convencionado (...) ao longo do plano horizontal ou frontal, em frente ao corpo ou ao lado do sinalizador." Seu uso pode variar para se referir a pessoas, objetos, lugares e etc.

Com relação ao referente anafórico a autora busca no livro de Quadros, Pizzio e Rezende (2008) a definição que remete a um elemento que já foi citado anteriormente no discurso, mas que volta a participar do contexto.

A autora exemplifica com a seguinte frase:

J-O-Ã-O SAIR IR FACULDADE. IR SALA DE AULA. DEPOIS IR BIBLIOTECA ESTUDAR. IR CASA CANSADO.

João seria o referente nominal anafórico que, uma vez citado e concebido como protagonista do discurso, é citado nas próximas ações por meio de apontação.

Quanto às referências à terceira pessoa com referentes não presentes no discurso, conforme Campelo (idem, p. 117) são referentes pronominais associados aos pontos no espaço não distribuídos de modos aleatórios no espaço, pois respeitam regras de posicionamento. A autora afirma que não se faz necessário estabelecer "pontos de forma arbitrária", porque o sinalizante sempre recorrerá a uma associação com o local real do referente ao local no espaço para corresponder com o discurso.

De acordo com Campelo (idem, p. 118, 119, 120, 121 2 e 122) para se apresentar os referentes no espaço existem alguns mecanismos:

- Estipular ao sinal uma localização particular;
- Apontar o substantivo em uma localização particular;
- Direcionar a cabeça, os olhos e o corpo a uma localização particular;
- Uso da apontação para se referir ao pronome antes de um sinal;
- Uso do pronome numa localização particular quando a referência é óbvia;
- Uso do classificador (que representa aquele referente) em uma localização particular;
- Uso do verbo direcional quando há obviedade no referente;
- Estabelecer o referente;

- Uso de marcações não manuais;
- Marcação do estabelecimento de referentes no espaço da frase sintática SVO;
- Marcação da flexibilidade na sentença que pode ser também OSV e SOV; de maneira que o advérbio e a topicalização podem variar a sentença.

Sobre os pronomes, Campelo (idem, p. 122), afirma que o estudos das autoras americanas Lillo-Martin e Klima apud Quadros, Pizzio, Rezende (2008), podem ser aplicados à Libras, assim como Ferreira Brito (1982, apud Campelo), que encontrou significativas semelhanças com os aspectos dos pronomes da ASL e a Libras. Variam desde um número infinito de pronomes, visto que podem surgir “quaisquer outros dois pontos, associados com determinados referentes, outro ponto diferente.” Outro aspecto encontrado pelos pesquisadores acerca do pronome se dá pela maior possibilidade de ambiguidade, sobretudo no pronome possessivo.

As frases interrogativas, explica Campelo (idem, p. 124) são muitas vezes formadas com expressões faciais.

Na formação de verbos existem os simples que não se flexionam em pessoa e número e não aceitam afixos locativos. Existem os classificadores que são formados a partir de iconicidade, com a utilização da configuração de mãos. E, por último, os verbos manuais, que de acordo com Campelo (idem, p. 127) “representam ações em que uma pessoa está segurando ou fazendo alguma coisa com os instrumentos invisíveis”. A autora elucida ainda, que os verbos podem ser com referentes presentes, referentes imaginários ou com pontos espaciais.

2.1.4.3.1. A ordem básica da frase

Quadros e Karnopp (2000, p. 133), consideram relevante apresentar discussões sobre a ordem das palavras no campo da linguística, antes de especificá-las à língua de sinais. De acordo com as autoras um conceito básico da estrutura da frase de uma determinada língua está diretamente ligado à ordem das palavras. Elas afirmam que há considerável variação na ordem das palavras, contudo encontraram no estudo de Greenberg (1966), a afirmação de que “cada língua elege uma ordenação de palavras como dominante”. As autoras constataram nos estudos de Jakendoff (1977) e Chomsky (1981), uma sequência aos estudos de Greenberg, em que os estudos americanos determinaram que “o sistema da estrutura da frase em uma determinada língua é altamente restringido pela especificação dos parâmetros que determinam a ordem núcleo-complemento,

núcleo-adjunto e especificador-adjunto.” As autoras explicam que a posição do núcleo que pode ser final ou inicial é denominada parâmetro do núcleo. E há ainda os termos ordem básica, ordem canônica e ordem adjacente para conceituar as diferentes ordens das línguas. Como foi inicialmente defendido por Greenberg (apud Quadros e Karnopp, p. 134), há entre as línguas uma semelhança quanto à escolha da ordem das palavras e a esse grupo dá-se o nome de básicas ou canônicas. Neste grupo observa-se que a ordem das palavras se dá na superfície.

O termo subjacente, em conformidade com as autoras, “está relacionado com a derivação da estrutura profunda da frase.” Elas recorrem a Chomsky que diz que “estrutura profunda é aquela considerada pura”, ou seja, aquela que existe antes de sofrer qualquer mudança. Sobre a estrutura profunda, as autoras elucidam que com o avanço da teoria X-barras, passou a ser uma categoria “abstrata da sintaxe que relaciona o sistema computacional e léxico, o que corresponde com a interface interna”.

Quadros e Karnopp (idem, p. 135) propõem a ordem subjacente, por considerar esta categoria como uma peça-chave em sua estrutura da frase na Libras, e delimitam a duas possibilidades da ordem subjacente, aquelas cujas operações sintáticas são estimuladas “por razões semânticas (implicações no sentido intencionado pelo falante) e fonológicas (implicações de ordem sonora ou visual).” As pesquisadoras afirmam que a língua de sinais possuem “flexibilidade na ordem das palavras”, portanto não possuem uma ordem básica óbvia. Elas afirmam que suas especulações se baseiam na pesquisa realizada na língua de sinais americana (ASL), em que foram observados tanto aspectos sintáticos quanto semânticos. Os estudos americanos sobre a estrutura da frase na ASL, de fato constataram a chamada flexibilidade na ordem das palavras, mas de acordo com Fisher (1973, apud Quadros e Karnopp, 2000, p.135 e 136), até mesmo essa flexibilidade a ordenações “são seguidas de marcas não- manuais de topicalização ou concordância pronunciada, ou seja, utilização rica do espaço. “A pesquisa de Fisher (idem) elencou as seguintes ordens na ASL: SVO, OSV, VOS e SOV, sendo a OSV resultado da topicalização. Outras linhas de pesquisa foram trazidas à luz de análise por Quadros e Karnopp, de maneira que os autores procuraram estabelecer uma teorização em cada ordem adotada para determinada frase. Liddel (1980), por exemplo, que assim como Fisher analisou a ordenação na ASL “como derivadas de SVO”. Ambos os pesquisadores sobre a ordenação SVO ser uma “ordem básica” partem da comparação com a pesquisa acerca das orações subordinadas. Afirmaram ainda que, SOV é uma ordem “não-licenciada na posição do objeto

oracional”, e apenas estruturas com a ordem SVO “poderiam ser transformadas em interrogativas sim/não”. Quando à ordem SOV, Liddell (1980) apud Quadros e Karnopp (idem), faz uma análise utilizando verbos manuais, usam como exemplo a seguinte construção “MULHER-BOLO-COLOCAR-FORNO”, cuja relação entre a ação e o objeto está diretamente relacionado com o espaço. De acordo com a pesquisa de Chen (1988), apud Quadros e Karnopp (idem), existe uma semelhança observada em todas as estruturas formadas com esse tipo de verbo: “uma mão é deixada no espaço incorporando o objeto e servindo de base para o verbo.” De acordo com essas observações, os pesquisadores propuseram que estes verbos fossem tidos como clíticos. Os verbos manuais de acordo com Chen (apud Quadros e Karnopp) “envolvem uma configuração de mãos que é a reprodução de uma mão segurando um objeto” e ainda são induzidos como os verbos que se “movem para a posição de aspecto”. Sobre os verbos que se movem para posição de aspecto Quadros e Karnopp (idem) encontraram na pesquisa de Matsuoka (1997) que são verbos, cujo movimento tende a ser mais alto, o que desencadearia uma ordem SOV. São chamados de aspecto por ter uma “ projeção independente em uma posição mais alta relacionada a eles. “Seriam, de acordo com Quadros e Karnopp, casos que explicariam a ocorrência de ordem, cuja motivação não tem a ver com topicalização.

Sobre topicalização as pesquisadoras brasileiras afirmam que na ASL, ela é responsável pela maioria dos casos de alteração da ordem básica SVO (p.138). E para investigar a ordem sintática, bem como se dá o fenômeno da topicalização na língua de sinais brasileira, munidas do embasamento americano e de alguns pioneiros brasileiros, elaboraram conceitos, que pretendemos explorar a partir de agora.

2.1.4.3.2. A ordem sintática da Libras

Assim como a língua de sinais americana, a ASL, a Libras também possui flexibilidade na ordem das frases. Quadros e Karnopp (2000, p.139), baseando-se na pesquisa de Felipe (1989), Ferreira Brito (1995) e bibliografia linguística americana, constataram que existem muitas formas de ordenação das “palavras nas sentenças”, mas que a ordenação mais básica se dá pela ordem sujeito-verbo-objeto, ou SVO. Para dar sustento a esta afirmação, as autoras buscam comprovação em orações simples, subordinadas, além da “interação de orações com advérbio, com modais e com auxiliares”. A partir de frases simples como ELA ASSISTE TV, que existe a ordem do SVO, as autoras apresentam traços que são

gramaticais desse tipo de estrutura de frase e que propiciam mudanças em sua ordenação. Nesta frase usada como exemplo as autoras destacam a presença de marcadores não-manuais, em que a direção dos olhos é usada para fazer a concordância da pessoa associada ao verbo. Essas marcações não-manuais aliadas à concordância, conforme Quadros (1999, apud Quadros e Karnopp, idem, p. 140) possui papel importante para definir mudanças na ordem básica da Libras, de maneira que somente ocorrerão mudanças para a ordem OSV e SOV, quando houver um algo a mais na sentença, como marcas não-manuais e concordância. Serão chamadas neste caso de construções gramaticais.

Serão agramaticais construções que forem desprovidas dessas duas peculiaridades e que sofrerem mudança na ordem básica. De acordo com Quadros e Karnopp (idem, p. 142) "tais marcas não são imprescindíveis" na ordem SVO, o que torna essa ordem mais genérica. Quanto às ordens SOV e OSV poderão ocorrer associações a marcas não-manuais, contudo quando o objeto pertencer a uma oração subordinada "não será possível mudar o objeto da ordem".

Ex: EU ACHAR MARIA IR EMBORA

S V O

MARIA IR EMBORA ACHAR

O V (sujeito oculto)

Para afirmar que a ordem mais básica da Libras é a SVO, as autoras mostram as restrições que ocorrem nas ordens SOV e OSV, afirmando que, "os advérbios temporais e de frequência não podem interromper uma relação entre verbo e objeto" (p. 143), contudo ponderam que "a posição desses advérbios varia", de maneira que os advérbios temporais podem vir antes ou depois da oração, e os advérbios de frequência podem vir antes ou depois do complemento verbal.

Ex: MARIA COMPRAR FRUTAS AMANHÃ

AMANHÃ MARIA COMPRAR FRUTAS

EU COMO CARNE ALGUMAS VEZES

EU ALGUMAS VEZES COMO CARNE

ALGUMAS VEZES EU BEBO LEITE

2.1.4.3.2.1. Topicalização

Quadros e Karnopp (2000, p. 146), afirmam que a mudança da ordem das frases muitas vezes se deve à topicalização. Que seria um mecanismo gramatical que favorece a flexibilidade da ordem na Libras. De acordo com as autoras:

Esse mecanismo está associado à marcação não-manual com a elevação das sobranças. (...) A marca de tópico associada ao sinal topicalizado é seguida por outras marcas não-manuais, de acordo com esse tipo de construção. Ou seja, pode ser seguido por uma marca não-manual de foco (se a sentença for focalizada), de negação (se for negativa) e de interrogação (se for interrogativa).

As autoras apresentaram exemplos a partir da seguinte frase: FUTEBOL JOÃO GOSTAR.

Com negação: FUTEBOL JOÃO GOSTAR NÃO

Com interrogação: FUTEBOL JOAO GOSTAR (expressão de interrogação)

Quadros e Karnopp (idem, p. 148) explicam que o tópico nos exemplos apresentados é o responsável pela mudança na ordem, de maneira que "o tópico é o tema do discurso que apresenta uma ênfase especial posicionado no início da frase e seguido de comentários a respeito desse tema." Elas explicam que o tópico está diretamente associado à marca não-manual, de maneira que "essa marca não poderá se espalhar pela sentença. O que está associado ao status da topicalização é uma adjunção quando inserida na construção." O tópico unido a marcações não-manuais dará à sentença o valor hierárquico do tema em questão. Ainda sobre outras possibilidades do tópico as pesquisadoras afirmam que:

Estão associadas com posições argumentais, por exemplo, é possível topicalizar o objeto e/ou sujeito da oração, mas é possível também gerar um tópico sem este estar ligado a qualquer posição argumental. (p. 149)

Elas elucidam com a seguinte frase FRANÇA EU VOU. Em que o objeto França é topicalizado e aparece com a marcação não-manual, em que o levantamento de sobrança sugere a importância dessa palavra no discurso.

Na frase seguinte: EU FRANÇA VOU, existe uma topicalização no sujeito e no objeto, o falante usa de marcas não-manuais (expressão no levantamento de sobranças) aliado aos sinais EU e FRANÇA, para dar enfoque ao assunto em questão.

Sobre tópicos gerados na base, Quadros e Karnopp, apresentam a seguinte frase: ANIMAIS EU GOSTO GATO, em que há “uma relação semântica entre o tópico e o argumento dentro da oração”, há ainda a possibilidade de “cópia” do elemento topicalizado, de maneira que ficaria assim: ANIMAIS EU GOSTO GATO ANIMAIS. De acordo com as autoras essa construção é muito comum na Libras, o elemento duplicado é chamado de elemento ou pronome co-referencial, elas ilustram com os seguintes exemplos:

FUTEBOL JOÃO GOSTAR FUTEBOL
MARIA JOÃO GOSTA ELA

As autoras salientam que :

Todas as possibilidades de ordenação apresentadas com o mecanismo gramatical de topicalização ilustram as possibilidades de ilustração da estrutura da frase na língua de sinais. Esse recurso sintático é derivado da estrutura básica SVO, gerando as seguintes ordenações: SOV, OSV, OSVO, SSVVO. (p. 152)

2.1.4.3.2.2. Construções com foco

Outro exemplo de mudança na ordem básica da oração se dá através das construções com foco. Nestas também ocorrem elementos constituintes duplicados na mesma oração, contudo o interesse é enfatizar o constituinte, “mas de forma diferente da ênfase dada aos tópicos”, Quadros e Karnopp (2000, p.152). Petronio e Lillo Martin (1997, apud Quadros e Karnopp, idem), analisaram as construções com foco como “construções duplas”, de maneira que foram delimitadas quando não há uma “pausa significativa antes do elemento duplicado”. As pesquisadoras encaram as construções duplas diferentes, por exemplo, das estratégias de discurso para sustentação de uma ideia. É possível que haja construções duplas com variadas classe de palavras, entretanto para analisar a ordem SOV que são advindas de construções de verbos sem concordância duplos, as pesquisadoras se atêm a este último.

Sobre o foco elas explicam:

O foco é gerado quando há uma informação interpretada com entonação mais marcada, ou seja, focalizada. Gramaticalmente, essa informação está associada a um traço de foco que licencia o pagamento de sua cópia. (p. 153)

EU LIVRO PERDER

A partir dessa oração, as autoras explicam que é derivada uma ordem SOV da seguinte construção S(V)O V, de maneira que o verbo final é apenas uma "duplicação do verbo original". Que está subentendido na oração, mas é focalizado ao final da oração aliado a marcação não-manual de afirmação.

Existe ainda a elevação do objeto nas construções contendo verbos com concordância que também resultam na ordem SOV, em que a presença da concordância verbal, como explicam Quadros e Karnopp (idem, p. 153) favorece a elevação do objeto a "uma posição mais alta".

As autoras explicam de acordo com a seguinte oração : JOÃO MARIA DAR LIVRO NÃO, que "a ordem (S)V(O) é derivada pela possibilidade de omitir tanto o sujeito como o objeto nas construções com verbos com concordância." (p.154)

Sobre a ordem VOS, as autoras afirmam que "pode ocorrer em contextos com focos contrastivos". Ex: QUEM COMPRAR CARRO JOÃO OU MARIA ?

E para concluir sobre as ordenações na Libras, Quadros e Karnopp (2000, p. 155 e 156) salientam que a ordem básica da língua de sinais dos surdos brasileiros é a SVO e todas as outras OSV, SOV, VOS são derivadas dessa. Explicam ainda que alterações da ordem são resultados de "operações sintáticas específicas associadas a algum tipo de marca, por exemplo, a concordância e as marcas não-manuais".

3. ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1. Da escolha do corpus: uma breve justificativa

Os estudos de W. Stokoe são considerados os mais importante para a língua de sinais, pois foi a partir de seu trabalho realizado em 1960 na Gallaudet University com seus alunos surdos que o estudioso identificou uma gramática linguística na ASL. E embora o valor dessa descoberta seja de cunho social, educacional, político, conforme Sacks (1988, p. 159) o primeiro movimento oriundo dos estudos de Stokoe foi de natureza artística, quando em 1967 foi fundado o Teatro Nacional dos Surdos ou National Theater of the Deaf (doravante NTD). Sacks (idem) nos conta que nos seis primeiros anos, de fato, não houve uma obra artística apresentada no Teatro que privilegiasse a ASL, eram "meras transliterações, no inglês em sinais, de

peças inglesas.” Foi somente em 1973 que o NTD encenou uma peça na língua dos surdos americanos. E foi de tamanha repercussão que serviu de inspiração para novas produções como poesia, canções, chistes, dança, afinal de acordo com Sacks (idem) a língua de sinais “presta-se extremamente bem ao uso e transformações artísticas.” Ele argumenta que o valor artístico da ASL ultrapassa uma produção feita com inglês sinalizado, dessa forma justifica:

Em parte por ser uma língua original e, portanto, uma língua para criação original, para o pensamento, e em parte porque sua natureza icônica e espacial permite sobretudo a intensificação cômica, dramática e estética (a última seção do livro de Klima e Bellugi é reservada especificamente ao “Uso Intensificados da língua” na língua de sinais. (idem)

Quadros e Karnopp (2000) basearam-se nos estudos americanos para investigar a língua dos surdos brasileiros, pois encontraram entre a ASL e a Libras reais semelhanças linguísticas. Seria, portanto, possível afirmar, que a Libras sendo também de natureza icônica e espacial e dotada de qualidades de uma língua natural, possui essa inclinação a despertar nas pessoas uma predisposição artística.

O presente tópico procura sob a luz de teoria analisar vídeos disponíveis em sites de compartilhamento de vídeos, em que canções tenham sido usadas como ferramenta para uma tradução em Libras, mas que incorreram no uso do português sinalizado ou algum outro aspecto que acarretou algum tipo de agramaticalidade da Libras, seja no nível morfológico, sintático ou morfossintático. Não há uma intenção em investigar profundamente possíveis motivações de ordem artística ou uso didático- pedagógico de música para aquisição de língua estrangeira. Então, embora consideremos que tais temas tenham valor investigativo, a introdução acima se deve apenas para ilustrar uma certa semelhança ao que houve na década de 60 e 70 com a fundação do NTD, pois derivaram desta, movimentos, inclusive ligados à tradução musical, que a priori incidiram no inglês sinalizado, mas que anos depois, foram substituídos pela ASL, por reconhecer na língua de sinais autenticidade tanto como língua, como possível geradora de arte. Sacks (1988, p. 160), ao dizer que “arte seja cultura e cultura seja arte”, reconhece na arte e na cultura funções de ordem política e inclusive educacional.

3.2. Análise dos vídeos

Organizamos o corpus para análise conforme tabela 1 abaixo:

Tabela 1

No.	Nome	Enviado por	Conteúdo
1	Segredos- LIBRAS	MrsPaulaJaeger	Música Segredos-Frejat, trabalho de Introdução a Libras-UFPE
2	Apresentação em LIBRAS da música "É preciso Saber Viver"	carlitinhojr	Presentation in LIBRAS (Brazilian Sign Language) of music "É preciso Saber Viver" (Do you need to know how to live) (<i>sic</i>)
3	O anjo mais velho.wmv	Folhinhalia	Canção: Teatro Mágico Versão Libras
4	Sueli Ramalho Segala Hino Nacional Brasileiro wmv	sueliramalho9000	Hino Nacional – Português sinalizado

3.2.1. Vídeo 1

3.2.1.1. Determinantes Nominais

A intérprete inicia a tradução da canção aos 0:33, sem estabelecer uma posição para o sujeito na frase. A trecho da música em português se apresenta da seguinte maneira:

Eu procuro um amor que ainda não encontrei.

A intérprete usa os seguintes sinais para interpretar:

PROCURAR AMOR. AINDA NÃO ENCONTRAR.

De acordo com Campelo (2011, p.99), em análise sintática, alguns verbos chamados de simples "precisam ser incorporados nos pontos espaciais, para ter uma relação sintática mais definida". No contexto da frase analisada a intérprete deixou de fazer uma concordância entre o verbo e o sujeito, Campelo (*idem*, p. 102) explica que " a direcionalidade é muito importante porque está relacionada com as relações semânticas." No contexto da frase falta dizer quem procura algo, o que não precisaria ser repetido na segunda oração visto que o sujeito estaria anaforicamente apresentado na primeira frase.

Com relação à ordem da sentença, Quadros e Karnopp (2000, p 120 e 121), afirmam que essa construção contempla o chamado aspecto distributivo do verbo. Como neste caso o verbo seria direcionado a um ponto específico, as autoras o nomeiam de "distributiva específica – ação de distribuição para referentes específicos. Quadros (1995, p. 48) sobre os referentes, encontrou na bibliografia americana o termo Determinante Nominal, e sobre este ela afirma que, "O uso

adequado de Determinantes Nominais é o primeiro passo para o estabelecimento da concordância verbal e para os demais mecanismos sintáticos espaciais". A autora ressalta que Determinantes Nominais podem ocorrer tanto com referentes presentes quanto referentes ausentes no "contexto do discurso". No caso de primeira pessoa o sinalizador deve direcionar o dedo indicador para si mesmo na altura do peito.

3.2.1.2. Uso de marcas não-manuais

Aos 00:55, a palavra "feridas" na canção está sendo usada metaforicamente como amargura, angústia, tristeza. A intérprete opta em traduzir em Libras fazendo o sinal de SOFRIMENTO, mas limita-se apenas na execução manual do sinal. Conforme Campelo (2011, p. 80) no processo de formação da palavra em Libras um dos aspectos morfológicos é chamado de flexão. De acordo com Quadros (2004) apud Campelo (idem, p. 90), "a flexão tem como função principal marcar privilégios de ocorrências distintos através das categorias gramaticais peculiares a determinadas classes de palavras". Ao se deparar com a palavra SOFRIMENTO, a intérprete poderia ter enfatizado o termo fazendo uso de marcações não-manuais, em que expressões do rosto, como sobrelhas franzidas, lábios e bochechas contraídos (Brito 1995) completassem o valor semântico da palavra.

Aos 1:03 na frase em português: Pode ser que eu a encontre (...), a intérprete preferiu traduzir o termo "pode ser" fazendo uso apenas de um verbo, de forma que em Libras ficou PODER. O que metaforicamente o compositor da letra quis dar sentido de: talvez, de incerteza, a intérprete determinou a sentença com uma afirmativa, de maneira que ficou assim: PODER ENCONTRAR. No anexo 1, em resposta à pergunta sobre estratégias para fazer uma interpretação mais próxima da mensagem fonte, a Tradutora e Intérprete de língua de sinais Natália Romera explica seus mecanismos:

Tento compreender o que significa aquela palavra, qual a cena que construiria para individualizar aquele sinal, de uma forma que fique clara e não abstrata... Através dos classificadores e de construção de cena...Com ponto de referência.

Portanto, neste item concluímos que falta contextualização, para dar ao surdo, sobretudo a essência da mensagem fonte.

3.2.1.3. Estabelecer referentes no espaço (Indicativos espaciais)

Os indicativos espaciais, como explica Quadros (1995, p. 58) permitem co-referência explícita e impedem casos de ambiguidade. Servem para situar o interlocutor no contexto do discurso. Aos 01:07, as orações em português apresentavam alternativa:

“Pode ser que eu a encontre numa fila de cinema, numa esquina **ou** numa mesa de bar”

Como descrevemos anteriormente a sinalizante traduz como PODER ENCONTRAR, e segue sem apresentar Determinantes Nominais, apresentando simultaneamente um sinal para “fila no cinema, outro sinal para “esquina”, recorre ao Empréstimo do Português da palavra “ou” executada pelo alfabeto manual e finaliza com um sinal para “mesa” e “bar”. Quadros (idem) explica que os referentes associados podem ser posicionados no espaço, de maneira a dar o sentido de diferença, alternância. Assim:

A mudança ocorre sob certas circunstâncias a fim de que novas associações sejam automaticamente estabelecidas. Normalmente essas mudanças são assinaladas por um ou mais locais estabelecidos no espaço, ou por uma mudança na postura do sinalizador. Conforme Loew (1984) um local referencial pode ser transferido numa narrativa se houver um movimento característico ou se a cena muda, isto é, o sinalizador estabelece o *loc* como a reprodução do cenário (Quadros, idem, p. 58)

3.2.1.4. Aspectos de marca de tempo

Em 01:26 a letra da canção diz:

“Procuro um amor que seja bom pra mim. **Vou** procurar, eu **vou** até o fim. Os verbos indicam uma ação que acontecerá no futuro. Contudo a interprete traduz da seguinte maneira:

PROCURAR AMOR BOM EU. PROCURAR IR FIM.

Campelo (2011, p. 98), afirma que na Libras não existe “formas verbais na marca de tempo”. Ferreira Brito (1995) explica que o que vai conceder ao verbo “o tempo da ação ou do evento são itens lexicais ou sinais adverbiais como ONTEM, AMANHÃ, HOJE, SEMANA-PASSADA, SEMANA-QUE-VEM.” Ela explica que além da contextualização, evitará que o interlocutor imagine que o que está sendo narrado tenha acontecido no passado, pois de acordo com a autora, até que não se apresente um elemento lexical temporal, a frase é concebida como no passado.

A opção da intérprete para indicar que o verbo se referia a um ato futuro seria, como explica Ferreira Brito (1995) a configuração de mãos com a letra F sendo direcionada para frente, aliada ao verbo que indicaria futuro.

Aos 1:35 pode-se observar uma execução clara dos sinais, para o termo "vou tratá-la bem", a sinalizante escolhe o termo acariciar, que se encaixa no sentido metafórico da mensagem fonte, entretanto novamente ela não recorre a sinalizantes pronominais para dizer quem "acaricia quem". Há uma tentativa de corresponder sobretudo ao léxico da Libras. Ela não faz uso de conectivos, que são comuns no português, mas não usuais na língua de sinais. Contudo ela segue na ordem da canção verbos e substantivos, o que demonstra ações do português sinalizado. Abstém o discurso de informações pronominais e não enfatiza com marcas não-manuais o sentido das palavras.

3.2.2. Vídeo 2

Neste vídeo aos 0:25 encontramos um equívoco quando à formação da palavra VIVER. O intérprete acerta quanto à configuração de mãos, quanto ao movimento, mas erra quanto ao ponto de locação. De acordo com Campelo (2011, p. 24, 25, 26, 27 e 28) existem propriedades na língua de sinais que conferem a estas características próprias e significativas. Sobre a Arbitrariedade, a autora explica que os signos linguísticos são convencionados entre seus falantes, portanto qualquer alteração que não se justifique, como por exemplo variações linguísticas, abalam a estrutura pré-existente. Quando há descontinuidade a autora diz: "são descontinuados através de parâmetros e níveis linguísticos diferentes." De maneira que as palavras não apresentam as possibilidades de "confusão entre os significados". Existe a propriedade que destacaremos como relevante na análise da palavra VIVER feita pelo sinalizante que é a Dupla Articulação, conforme a autora:

A língua de sinais só funciona quando as duas articulações formam uma combinação. Por exemplo, uma unidade mínima por si só não tem significado, mas quando juntar outra unidade mínima, qualquer que seja Configuração de mãos, ponto de locação ou Movimentos, pode dar significado e sentido.

Sobre dupla articulação da Linguagem, Silva (1986, p. 11), explica através da "hipótese funcionalista de A. Martinet, que se trata de uma ordenação particular da linguagem humana, de maneira que "todo enunciado se articula em dois planos".

De maneira que no primeiro plano a palavra se divide em unidades significativas, e no segundo plano, de acordo com Campelo (idem) a junção das três unidades mínimas: mãos, movimento e ponto de locação, teremos como resultado uma palavra completa em seu valor semântico.

Portanto, ao tentar formar o sinal, o intérprete deixou de dar à palavra "relações que se estabelecem entre as partes de um todo" (Carone 1988, p.12). A autora elucida que a essa ação dá-se o nome de estrutura, e afirma que "o objeto só se configura em sua plena realidade, poderíamos dizer até que só existe, graças à estrutura."

Há ainda, conforme Campelo (2011, p. 29) a questão na língua de sinais intitulada de Padrão. Ou seja, existe uma padronização que obedece a um conjunto de regras, e que a autora afirma serem "regras convencionadas pela comunidade surda e não podem ser produzidas de modo incorreto."

3.2.3. Vídeo 3

Quadros (1997, p. 101), recorre à linguística contrastiva, que, conforme a autora, é uma subárea que se encarrega de analisar duas línguas, apontando suas diferenças e suas semelhanças. Assim, ao montar um quadro em que se contrastam as diferenças entre o português e a Libras, a pesquisadora faz uso da seguinte frase para a análise sintática:

O homem caminhou em cima do teto e caiu.

Na sequência faz a tradução para a língua de sinais brasileira:

TETO HOMEM CAMINHOU CAIU

Embora a autora através dessa análise se detenha à ordenação das frases, nota-se que em Libras não há o uso de conectivos como artigo, conjunção, preposição. Aos 0:09 encontramos o uso do conectivo da conjunção aditiva "e", usada na estrutura do português, para coordenar uma frase a outra.

O trecho da canção em português segue da seguinte forma:

"Os olhos mentem dia **e** noite a dor da gente."

Seguindo a estrutura do português sinalizado, a intérprete traduz da seguinte maneira:

OLHOS MENTIR DIA **E** NOITE DOR NOSSA.

Outros exemplos citados por Quadros (idem) permitem observar que as frases em Libras são desprovidas de conectivos, de maneira que a palavra “e”, como a intérprete usou, pode ser usada com a execução de datilologia, mas em casos de nomes próprios, ou palavras que não existem na Libras. Campelo (2001, p.88 e 89) explica são derivações chamadas de Empréstimos do Português.

Slobin (1980, apud Correa (2007, p. 27) ao falar de línguas orais-auditivas assegura que “os signos verbais são apenas uma parte de uma situação interativa complexa, incluindo gestos apontando para pessoas e objetos à vista, direção do olhar e padrão de entonação da fala.”. Podemos refletir e transportar tal afirmação para uma língua gestual-visual, o quanto tais elementos são imprescindíveis. Talvez destreinados com o exercício constante e acentuado de marcações não-manuais aliado ao desconhecimento de elementos sintáticos determinantes como a topicalização, por exemplo, os intérpretes façam uso exagerado de um contato recente com o léxico na Libras. Aos 0:44 a sinalizante para este excerto na canção: “Tua palavra, tua história, tua verdade fazendo escolha, tua ausência fazendo silêncio em todo lugar”, optou por estabelecer simultaneamente o sinal SUA (TEU) aliado a palavra seguinte, a tradução ficou idêntica a estrutura da frase em português, salvo o tempo da tradução que é mais lento que a canção. O trecho em questão na música em português não fere princípios da linguística quanto ao ato comunicativo, pois está interligada a outros elementos próprio de música, como ritmo, por exemplo. Contudo, a repetição na tradução da palavra SUA, tornou a frase confusa. O que faltou no vídeo 1 com relação ao uso de referentes pronominais, nesta parte da tradução do vídeo 3 ocorreu em excesso. De acordo com Campelo (2011, p. 120) estabelecer um referente contempla a informação como um todo. A intérprete poderia ter iniciado a frase com SEU, em uma elevação do sujeito na frase e usado as possibilidades espaciais para posicionar os objetos, o que poderia esclarecer quanto à mensagem recolhida da música que por si só na versão em português já apresenta elevação metafórica.

3.2.4. Vídeo 4

Este vídeo foi postado por Sueli Ramalho Segala, surda fluente em Libras. De acordo com a própria intérprete é uma versão do Hino Nacional para português sinalizado. Diferente dos outros vídeos analisados, que eram postados no site de compartilhamento de vídeos com intenção de apresentar uma versão de uma determinada canção em Libras, mas incorriam em erros que distanciavam consideravelmente da língua dos surdos, e, portanto, de se fazer entender pelo maior interessado, o surdo. As interpretações anteriores incidiram no chamado

português sinalizado, visto que seguiram a estrutura da letra das canções que eram em português, de maneira que os sinais acompanhavam a interpretação, o restante se estruturava na ordem da língua dos ouvintes brasileiros.

A explicação da intérprete surda em sua versão do Hino Nacional, feita propositalmente em português sinalizado, segue conforme postada na página do vídeo:

Como se trata do Hino Nacional, não devemos mudar nem a letra e nem a música. Se o fizermos, na interpretação em Língua de Sinais ou LIBRAS não teríamos a música de Francisco Manuel da Silva ou mesmo a letra do poema de Joaquim Osório Duque de Estrada, por isso o poema é Português Sinalizado.

Para o primeiro verso do Hino dos 0:34 aos 0:36 "Ouviram do Ipiranga às margens plácidas", a intérprete escolheu a seguinte tradução usando os sinais da Libras:

OUVIR IPIRANGA AGUA CALMA

Na sequência ao segundo verso: "De um povo heróico o brado retumbante."

A tradução ficou assim: POVO CORAGEM GRITO ECOAR.

Coincide com a descrição de Quadros (1997), Felipe (1989), Fernandes (1990), Segala (2010), que descrevem o português sinalizado como uma tradução de palavra por palavra seguindo a ordem sintática estrutural da Língua Portuguesa.

A abordagem acerca do uso do português sinalizado como método de ensino na fase do bimodalismo foi considerada negativa por não privilegiar a língua e a cultura surda. Alguns autores como Segala (2010) sobre o português sinalizado e Sacks (1998) ao falar do inglês sinalizado, discutem inclusive a impossibilidade do surdo em entender essa modalidade de expressão. Entretanto, o contexto apresentado na interpretação do Hino Nacional, feito pela intérprete surda nos remete a algumas reflexões que foram polemizadas na seção de comentários da página do vídeo em questão.

Os comentaristas questionam a exceção aberta ao Hino Nacional uma vez que em todos os outros casos recomenda-se o uso da Libras para que haja o pleno entendimento por parte dos surdos. A intérprete justifica que a essência poética do poema não seria possível de ser traduzida de outra forma, que não a original.

O comentário feito por nempretonembranco, a seguir, continua o questionamento acrescentando novo argumento:

Se o hino deve inspirar o patriotismo, como inculcar isso ao surdo uma vez que, em sendo português sinalizado, o sentido do que é passado pode passar por má interpretação e até mesmo nenhum sentido?

Então, se eu for mostrar esse hino a um coreano, terei que desrespeitar a sua gramática e expressões idiomáticas?

A opinião de Thath1807³ a seguir nos remete a outras reflexões:

Bom, o sua "tradução" não é um exemplo para aqueles que estão entrando na Libras seguirem. Como eu conheço sobre ética e interpretação tradução para os surdos, não é recomendado utilizar o Português sinalizado, pois isso distanciaria o surdo de entender o verdadeiro significado da música ou do assunto a ser interpretado. Gostaria que aqueles que estão formando para serem intérpretes não seguissem esse exemplo de interpretação, pois isso traria maus profissionais para o mercado de trabalho.

Em resposta temos a justificativa da intérprete:

Querida Thath1807 em primeiro lugar deve ter lido da justificativa de ser fiel a letra do Manuel Osorio, e mesmo para aqueles que estão formando deve conhecer este lado sim, jamais o surdo ficaria distanciado se fosse explicado o motivo e a justificativa, pois a língua de sinais quando bem colocada consegue fazer o surdo entender se omitir significa que o intérprete não saberia explicar e isto com certeza deve ser o seu caso e onde estaria a ética que tanto preza?

O próximo comentarista, usaismael, apresenta observações relevantes, pois suscita questões sobre a possibilidade do surdo também ter contato com a realidade ouvinte, ele como intérprete se vê na condição de reavaliar seus conceitos. Ainda, sobre o Hino Nacional o comentarista aponta as seguintes observações:

Nem todos os ouvintes conhecem a letra do Hino Nacional. Cantam por cantar sem saber o que estão cantando, mas ninguém fica traduzindo a letra da música para quem não sabe. Existe o interpretar (passar a música no seu sentido

real) o que se fala e o explicar o que quer dizer tal interpretação. Muitos de nós intérpretes queremos explicar o sentido da interpretação e não apenas interpretar. O que a Sueli fez foi interpretar a letra. Não é função nossa explicar a música toda. Nenhum ouvinte canta o Hino Nacional já de uma forma exemplificada, A letra é aquela e deu. Cabe a nós estudarmos o sentido da letra. Passar uma mensagem clara sim, agora vamos pensar em como estamos interpretando. Estamos só passando o sentido ja pronto ou estamos realmente interpretando fazendo com que o surdo pense nas diversas formas que ele mesmo pode interpretar o que a gente diz?

Diante do exposto acima podemos refletir sobre mais essa urgência de estudos, algo que vá além do recusado português sinalizado utilizado como ferramenta de ensino para surdos e para além das questões gramaticais. Atina-se agora também para a questão discursiva que implica em concepções de língua, construção de sentidos que não podem ser vistos de forma simplista. Estamos diante de uma geração que se depara com a cultura surda respaldada por leis, uma cultura surda que adentra o território acadêmico, uma cultura surda que é alvo de divulgação na internet. Os corolários dessas transformações ocasionarão em mudanças, novos conceitos na sociedade, revisão de termos, sobretudo na língua, essa máquina de produzir sentidos, em sua incansável trajetória de entidade viva.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve por objetivo analisar vídeos postados no site de compartilhamento de vídeos Youtube, em que intérpretes fizeram traduções de canções em português para Libras, mas cometeram equívocos, o que acabaram por distanciá-las da estrutura da língua dos surdos brasileiros e muitas vezes incorreram no chamado português sinalizado. Iniciamos nosso estudo apontado a relevância dos Estudos Culturais, que foram seguidos por Estudos Linguísticos e culminamos em Estudos Surdos. Fizemos uma breve abordagem sobre língua de sinais. Trouxemos em pauta conceitos sobre português sinalizado, e para analisar os vídeos à luz de teoria, buscamos embasamento em autores como Brito (1995); Campelo (2011); Carone (1988); Felipe (1988); Quadros e Karnopp (2000) entre outros, em que morfologia, sintaxe morfossintaxe tanto da língua portuguesa quanto da Libras nos forneceram ferramental para o percurso da análise.

Como mencionado anteriormente a última parte se concentrou na análise dos vídeos orientada pela teoria resenhada. Coube a nós compreender aspectos estruturais da gramática da Libras e do português para que tivéssemos condições de lançar olhares mais aguçados sobre as traduções e, por fim, tecermos nossas considerações e compartilharmos nossas reflexões.

Embora todo estudo científico propague a ideia de organização estrutural e de previsão de resultados a partir da atenção rígida à metodologia, é inquestionável a necessidade de correção de rumos e de abertura, mínimos que sejam, para “descobertas incidentais” que nos batem à porta durante o trabalho investigativo. O último vídeo, por exemplo, nomeado como vídeo 4 inspirou-nos uma abordagem diferenciada dos demais, acrescentando ao corpus os comentários, o que suscitou uma reflexão acerca do português sinalizado por outras óticas. Estabeleceu dessa forma inúmeras possibilidades para um futuro aprofundamento que poderá revigorar as discussões e a pesquisa acerca da cultura surda em contato com a cultura ouvinte.

Do ponto de vista pessoal, de alguém que já produziu vídeos traduzindo para a língua de sinais, o presente artigo foi consideravelmente importante à medida que pudemos nos aprofundar nos estudos sobre o tema proposto, e em particular responder a nós mesmos, perguntas para as quais antes desse trabalho não havia resposta: Meu vídeo possui erros? Meu vídeo é Libras ou português sinalizado? A conclusão que tivemos é que sim, é português sinalizado e com erros. Uma motivação a mais para continuar um estudo investigativo, que amplie motivos, causas e consequências do português sinalizado.

Dessa forma, ao fim desse artigo, almejamos ter colaborado afirmativamente como acréscimo às reflexões que circundam o universo surdo.

Notas:

1. Baseada na lei n^o 10.436/02, sua obrigatoriedade no meio acadêmico, o ensino da Libras para famílias ouvintes de acordo com a atual política educacional (Lei de Diretrizes e Bases na Educação - Lei 9394/96), a regulamentação do decreto 5.626, capítulo V que prevê a formação do tradutor e intérprete (Souza, 2011, p. 194)
2. Cf. Bibliografia

3. Todas as transcrições deste artigo são literais, incluindo ortografia e gramática alternativas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- CAMPELO, Ana Regina e Souza. **Língua Brasileira de Sinais**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.
- CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. São Paulo: Ática, 1988.
- CORREA R.B.S de. **A complementaridade entre língua e gesto nas narrativas de sujeitos surdos**. 2007. Dissertação (Mestrado)- Universidade de Santa Catarina – UFSC, 2007.
- DORIGON, Maria Ap. D. **Você é surdo? Letramento e discurso sobre o Surdo em ambiente de trabalho**. Monografia, Indaiatuba, FATEC, 2006.
- FELIPE, T.A. **O signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.
- KEHDI, Valter. **Morfemas do Português**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos, A aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- QUADROS, R.M.de. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na Língua Brasileira de Sinais e reflexos no processo de aquisição**. 1995. Dissertação (Mestrado). UFSC, 1995.
- REIS, Flaviane. **Didática e Educação de Surdos**. Indaial: Uniasselvi, 2011.
- SACKS, Oliver W. **Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos/** Oliver Sacks: tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SEGALA, R.R. **Tradução Intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudo da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, 2010.
- SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e. **Linguística Aplicada ao Português: Morfologia**. São Paulo: Cortez, 1986.
- SOUZA, Saulo Xavier de. **Intérprete de Língua de Sinais Brasileira na Sala de Aula**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

SOUZA, Vanderlei de. **Desinformática: acesso, excesso e outras faces da exclusão digital**. Revista de Estudos e Reflexões Tecnológicas da FATEC Indaiatuba. N 1, 2003.

STROBEL, L. K. **Surdos: Vestígios culturais não encontrados na história**. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. 2008

Sites Visitados:

Acessibilidade Brasil. LIBRAS – Dicionário da Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/Libras/>. Acessado em: 18/07/2012.

ALVAREZ, Maria Luisa Ortíz. **A transferência, a interferência e a interlíngua no ensino de línguas próximas**. Scielo Preceedings- An. 2. Congr. Bras. Hispanistas Oct. 2002-. Disponível em:

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000100039&script=sci_arttext . Acessado em: 05/07/2012.

- Brasil Escola -Morfossintaxe. Definindo a morfossintaxe. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/gramatica/morfossintaxe.htm>. Acessado em: 18/07/2012.

Ronice-UFSC. Teses e Dissertações. Disponível em:

http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Page1280.htm. Acessado em: 18/07/2012.

You Tube. Segredos-LIBRAS. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=EiJycn7cLJs>. Acessado em 12/07/12

You Tube. Apresentação em LIBRAS da música "É preciso Saber Viver". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=YmeFT0UGgDY> acessado em 13/07/12

You Tube. O anjo mais velho.wmv, disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=6kCn9-rLMmg> último acesso em 15/07/12

You Tube. Sueli Ramalho Segala Hino Nacional Brasileiro wmv. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=S7JnjLby1aY> acessado em 16/07/12

ABREVIATURAS USADAS NESTE ARTIGO

ASL – American Sign Language

L1 – Primeira Língua

L2 – Segunda Língua

Libras – Língua Brasileira de Sinais

NTD – National Theater of the Deaf

OSV – Objeto Sujeito Verbo

SOV – Sujeito Objeto Verbo

SVO – Sujeito Verbo Objeto

VOS – Verbo Objeto Sujeito



ELIZETE RODRIGUES

Licenciada em Letras – Português / Inglês, desde 2004 e recentemente, concluiu Curso de Pós-graduação em Libras.

E-mail: morganalia@uol.com.br



VANDERLEI DE SOUZA

Licenciado em Letras – Português / Inglês. Mestre pela Unicamp na área de Linguística Aplicada, professor pleno da Faculdade de Tecnologia de Carapicuíba, pesquisador na área de estudos linguísticos e literários, principalmente no campo das línguas estrangeiras e tecnologia. Membro do corpo editorial da revista acadêmica americana Community Literacy desde seu início. É professor desde 1988 e atua no ensino superior público e privado desde 1999.

E-mail: vdsgdt@gmail.com